

## “Não há RAÇA na luta de classes”: a esquerda americana e a raça 1920-1950<sup>1</sup>

Maheo Olivier<sup>2</sup>

**Resumo:** O Partido Comunista Americano conseguiu nos anos 1930 construir uma base militante dentre a minoria negra. Essa política foi resultado de diferentes tentativas para articular uma política de classe com o combate contra as desigualdades raciais. Uma nova abordagem teórica importada da Rússia revolucionária definiu os afro-americanos como uma nação oprimida em direito, portanto, de reivindicar o direito à autodeterminação e a constituição de uma república negra no Velho Sul: é a tese adotada em 1928 conhecida como “cinturão negro”, o “Black Belt” essa vasta região do Sul onde são maioria. Essa fórmula política, inaplicável na prática e pouco conciliável com a vontade de unificar a classe com o internacionalismo, tem sido pouco estudada. Ela ilustra os riscos da intersecção entre raça e classe e a maneira na qual foi dividida e ainda divide a esquerda. Nós vamos especificar sua origem e mostrar como ela ilumina a atividade de alguns militantes por formulá-la e impor ao partido. Nós nos propomos a estudar diferentes escritos de Harry Haywood e da imprensa comunista, nos cruzamentos de diferentes trabalhos de historiadores, para retratar sua gênese.

**Palavras-chave:** Afro-americanos. Socialismo. Nacionalismo negro. Black Belt. Partido Comunista dos Estados Unidos. Harry Haywood.

**Abstract:** The American Communist Party succeeded in the 1930s in building a militant base among the black minority. This policy was the culmination of various attempts to articulate class politics with the

---

<sup>1</sup> Em 1934, o militante comunista Mike Gold, que havia fundado a revista *New Masses* em 1928, propôs essa fórmula para afirmar a primazia da luta de classes.

<sup>2</sup> Pesquisador Pós-doutoral no Institut d’Histoire du Temps Présent, CNRS / Université Paris 8 – France. E-mail: maheo.prof@gmail.com. Tradução: Marco Tobón e Monique Lima. Revisão: Murillo van der Laan.

struggle against racial inequality. A new theoretical approach imported from revolutionary Russia defined African-Americans as an oppressed nation with the right to claim the right to self-determination and the constitution of a black republic in the Old South: this is the famous thesis adopted in 1928 of the so-called Black Belt, the vast region where they were in the majority. This political formula, which is inapplicable in practice and difficult to reconcile with the desire to unify the class and with internationalism, has been little studied. It clearly illustrates what is at stake in the intersection between race and class and how these have divided and still divide the left. We want to clarify its origin and show how it highlights the activity of a few activists in order to formulate it and impose it on their party. To do this, we propose to study different writings by Harry Haywood and the communist press, crossing them with different works by historians, to trace its genesis.

**Keywords:** African-Americans. Socialism. Black nationalism. Black Belt. Communist Party of the USA. Harry Haywood.

## Introdução

Nos Estados Unidos a explicação sobre sua excepcionalidade, aquela de um sistema político supostamente harmonioso que teria impedido o socialismo de se enraizar, não tem sido amplamente promovida<sup>3</sup>. Na realidade, esta exceção americana poderia consistir na capacidade de deslocar as tensões sociais ou de gênero no interior da linguagem das divisões raciais. Assim, como Stuart Hall constata, a raça se impõe como a modalidade através da qual a classe é vivida, e isso é parte, sem dúvida, das debilidades do marxismo sob o solo estadunidense (Hall, 1980, p. 308). O socialismo nos Estados Unidos é muitas vezes descrito como um fracasso, porque continuou sendo uma

---

<sup>3</sup> De acordo com os defensores do excepcionalismo americano, os Estados Unidos apresentariam características originais devido à sua história particular, que os teriam prevenido dos perigos do socialismo e do fascismo e permitido o triunfo da democracia liberal. Embora os defensores dessa teoria a remontem a Tocqueville, esta tese da excepcionalidade difundiu-se sobretudo durante a Guerra Fria.

força política marginal e a interrogação do economista alemão Werner Sombart em seu famoso artigo de 1906, “Por que não há socialismo nos Estados Unidos?” permanece central nas análises da esquerda americana (Diggins; Sombart et al., 1992; Debouzy, 1997, p. 49-88). No século XX as organizações marxistas americanas, já sob a acusação de serem antiamericanas, também enfrentaram a qualificação de “amigo dos negros”. O anticomunismo supôs, com essas acusações, a falta de patriotismo e a imoralidade (Selverstone, 2010, p. 7-8)<sup>4</sup>. No entanto, a esquerda marxista alcançou, momentaneamente, certo sucesso. Assim, durante a década de 1930, o Partido Comunista americano (CPUSA) conseguiu construir uma base militante significativa junto à minoria negra que logrou conservar até a era do Macartismo, como documentado pelos historiadores Robin D. G. Kelley, Mark D. Naison e Gerald Horne. Dedicamos esse artigo essencialmente à investigação do Partido Comunista e ao papel determinante que desempenhou dentro da esquerda radical americana<sup>5</sup>.

Propomos analisar aqui as hesitações, experiências e erros do CPUSA na tentativa de articular uma política de classe com o combate contra as desigualdades raciais a partir dos escritos do militante comunista Harry Haywood e da imprensa do partido. O historiador Philip S. Foner recuperou esses debates e a maneira como eles resultaram, no final dos anos 1920, na reivindicação do direito à autodeterminação dos afro-americanos, com a definição de um espaço que deveria ser independente: o *Black Belt* (1978)<sup>6</sup>. Essa

---

<sup>4</sup> A historiografia do CPUSA, que John Earl Haynes distingue em quatro etapas principais, retomou numa primeira fase, estes temas clássicos do anticomunismo com Draper (1957) e Glazer (1961) (Haynes, 2000, p. 78-94).

<sup>5</sup> É necessário citar os esforços de outros grupos socialistas ou o lugar de indivíduos isolados, como A. Phillip Randolph, mas essas experiências não são da mesma amplitude, e, sem dúvidas, não tiveram tanta influência como o CPUSA nos anos 1930-1940.

<sup>6</sup> Esta expressão não deve ser confundida com alguns bairros negros, como o gueto de Chicago, por vezes chamado também de *Black Belt*. Além disso, *Black Belt* designava os espaços da escravidão a partir do século XIX.

linha política foi descrita, por Paul Heideman, como imposta desde cima pela Internacional Comunista e, por Beverly Tomek, como uma decisão aberrante, uma vez que os negros haviam saído massivamente do Velho Sul, desde o começo do século XX, para as grandes cidades do Norte (Heideman 2018, p. 36; Tomek 2012, p. 550). Com muita frequência, a linha política do *Black Belt* é ignorada pelos pesquisadores porque foi rapidamente esquecida e sua origem ainda é controversa, como recentemente observado por Ahmed Shawki (2012, p. 138)<sup>7</sup>. O *Black Belt*, ou seja, a reivindicação de estados negros independentes, era inviável na prática e pouco conciliável com o desejo de unificar a classe.

Seu estudo tem sido negligenciado, pois ilustra as questões da intersecção de raça e classe. Propomos traçar a gênese desta linha política através dos escritos de Harry Haywood e da imprensa comunista. Veremos até que ponto a demanda por um direito à autodeterminação para o *Black Belt*, embora na contramão da realidade social, representou simbolicamente a determinação da CPUSA de se colocar ao lado dos afro-americanos.

## **Raça, classe, nação e socialismo**

De acordo com os sociólogos Omi e Winant (1986), o conceito de raça remete a um processo de racialização, um processo histórico ainda em andamento na sociedade contemporânea<sup>8</sup>. Embora a raça seja um mito, ela tem efeitos muito reais. O historiador Henry Louis Gates a definiu como a “metáfora última da diferença” arbitrariamente produzida para manter as relações de poder, assim como o gênero ou a classe (ibidem p. 5). No contexto americano, a construção de categorias

---

<sup>7</sup> O único artigo dedicado a este assunto é o de Klehr Tompson (Klehr e Tompson, 1989, p. 354-66).

<sup>8</sup> Esses autores definem a raça como “a extensão de um significado racial a uma relação, a uma prática social ou a um grupo anteriormente não classificado. A raça é um processo ideológico, inscrito na história” (Omi e Winant, 1986).

sociais de gênero e de classe é sempre racializada e isto representou a principal dificuldade que os marxistas enfrentaram para evidenciar as divisões de classe sem ignorar as clivagens raciais.

É comum ler que as concepções marxistas teriam hierarquizado as opressões, retardando a luta contra o racismo ou o sexismo para “melhores amanhã” [«lendemains qui chantent»]<sup>9</sup> e esta é a tese retomada pela primeira geração de historiadores do comunismo (Record, 1959), bem como por autores mais recentes (Klehr 1989; Hutchinson 1995), baseando-se em diferentes episódios dessa história. Entretanto, o marxismo não havia ignorado a questão racial: em seus numerosos escritos sobre a Guerra de Secessão Karl Marx denunciou a escravidão (ibidem, p. 76-84).

De qualquer forma, nem os militantes marxistas nem as diversas organizações socialistas de antes da Primeira Guerra Mundial fizeram propaganda especificamente dirigida aos afro-americanos<sup>10</sup>. Foram alguns ativistas socialistas negros, como Cyril Briggs (1888-1966), proveniente da ilha de Nevis, que defenderam o socialismo como uma resposta à discriminação racial. Briggs funda em 1919 a *African Blood Brotherhood for African Liberation and Redemption* (ABB), e sua publicação *The Crusader*<sup>11</sup>. A ABB desenvolveu inicialmente visões nacionalistas

---

<sup>9</sup> No manuscrito original em francês a expressão «lendemains qui chantent» alude à “promessa de dias melhores”. [N.T.] Segundo o autor a expressão «lendemains qui chantent» [amanhãs que cantam] provém das palavras de uma canção escrita pelo comunista francês Paul-Vaillant Couturier (1937).

<sup>10</sup> Alguns militantes negros se destacam nas fileiras socialistas como Peter Humphries Clark (1829-1925), um abolicionista negro, que foi candidato ao Congresso pelo Socialist Labor Party of America em 1878, a organização de Daniel D. Leon (Taylor). Mais tarde, Lovett Fort-Whiteman (1889-1939) e Chandler Owen (1889-1967) fundaram, com A. Philip Randolph, o Messenger, em 1917, primeiro jornal socialista “Preto e radical”, pronunciando-se a favor de uma “ordem social nova”.

<sup>11</sup> Entre 1915 e 1920, mais de 30 mil caribenhos emigraram para os Estados Unidos, incluindo Cyril Briggs. Outros vieram antes. A ABB tem como modelo a Irish Republican Brotherhood, IRB (1858-1924), ou seja, uma organização secreta cujos membros, apelidados de “Fenians”, prestam juramento e preparam-se para a luta armada. A propósito dos caribenhos, podemos citar Marcus Garvey (1887-1940), Richard B. Moore (1893-1968), nascido em Barbados, Claude McKay (1889-1948),

pan-africanas, antes de avançar para ideias socialistas após 1920, a ponto de se fundir com o nascente Partido Comunista, o CPUSA<sup>12</sup>.

O movimento comunista emergente marca uma ruptura clara com a atitude que os socialistas haviam tido anteriormente, a começar pela questão colonial. Lênin fez do apoio contra toda as opressões coloniais ou raciais uma condição para a adesão à Internacional e o movimento negro constituiu uma força revolucionária sem a qual a emancipação não era possível (Asante e Mazama, 2005, p. 16). Nos Estados Unidos, o movimento comunista recém-fundado enfrentou repetidas repressões violentas.

Em 1919, o ministro da Justiça Palmer ordenou a expulsão de vários ativistas de esquerda do país a fim de “livrar a nação desta imundície estrangeira” (ibidem p. 173). Diante dessa repressão, que considerava o comunismo como estrangeiro e desleal à nação, tornou-se evidente a necessidade de afirmar uma “americanidade” (Verney 2006, p. 72). Uma das respostas foi a opção de se estabelecer no interior da população negra, em um contexto onde a organização nacionalista *Universal Negro Improvement Association*, a UNIA, fundada pelo jamaicano Marcus Garvey (1887-1940), estava desde os anos 1920 alcançando um rápido sucesso (Rolinson).

O debate sobre a questão nacional tem raízes profundas, pois no seio da II Internacional Lênin e Rosa Luxemburgo (1871-1919) já se confrontavam sobre este problema<sup>13</sup>. O primeiro declarava apoiar

---

Claudia Jones 1915-1964) e Cyril Briggs. (Campbell 1994, p. 442; Mcgee 2007).

<sup>12</sup> Até 1921, as duas organizações coexistiram lado a lado. O CPUSA foi criado em 1921, mas depois de várias etapas em que os diferentes grupos do *Socialist Party of America* haviam-se dividido, termina por se unificar em 1921 no *Communist Party of the United States of America* (CPUSA).

<sup>13</sup> Ver aqui, por exemplo, o texto em que Rosa Luxemburgo se opõe a Lênin sobre a questão nacional. Ela escreve: “Hoje, a única defesa de qualquer verdadeira liberdade nacional é a luta de classe revolucionária contra o imperialismo. A pátria, cuja defesa tem primazia sobre tudo, é a Internacional socialista”. (Luxemburg et al. 2014 [1915]; Lênin 1979, [junho 1914]). Lênin tomava como exemplo a situação criada pelo imperialismo grande-russo que esmagava as nacionalidades no seio do império czarista. Rosa Luxemburgo, polaca e judia, lutava contra nacionalistas polacos

todas as reivindicações de qualquer nação oprimida, enquanto a segunda recusava concessões às reivindicações nacionais, por menores que fossem, como expressões de uma política burguesa que a revolução superaria. John Reed (1887-1920), em seu discurso no segundo congresso da Internacional Comunista, continua a afirmar que “a única política correta [...] é considerar os negros, sobretudo, como trabalhadores” (241)<sup>14</sup>. De sua parte, Lênin insiste na definição dos negros como uma nação oprimida.

No quarto congresso da Internacional Comunista, Claude McKay (1889-1948), poeta jamaicano instalado no Harlem em 1919, viajou a Moscou e foi autor da tese sobre a questão negra que associa o destino dos negros americanos ao de todos os povos colonizados, colocando-os na vanguarda do combate. (Federal Bureau of Investigation, 1922; Cooper, 1996; Internacional comunista, 1969, p. 184-85). Desde 1921, portanto, a Internacional Comunista incentivou seus militantes americanos a desenvolverem seu trabalho com os negros. Estes esforços, no começo bastante infrutíferos, adquirem uma sucessão de diferentes formas: em 1925 é fundada a *American Negro Labor Congress* (ANLC), uma organização que não alcançou o esperado protagonismo político [«coquille vide»]<sup>15</sup>. Foram membros desta vários militantes comunistas negros, que posteriormente desempenharam um papel de liderança, como James Ford e Fort-Whiteman (1893-1957) (Shawki 2012, p. 154-55)<sup>16</sup>. Mas é a partir de 1928 e do sexto congresso da Internacional que

---

antisemitas e chauvinistas, com os quais não era possível qualquer compromisso (Haupt et al. 1974).

<sup>14</sup> John Reed juntou-se à Rússia revolucionária em 1917. Os comunistas russos encaram aquilo a que chamam a “questão negra” da mesma forma que todas as “opressões especiais” e, quanto à questão das nacionalidades, põem em evidência o “direito dos povos à autodeterminação” na linha do quarto congresso da Internacional Comunista.

<sup>15</sup> “Coquille vide” em francês, literalmente, concha vazia, é uma locução que alude a um sujeito, estado ou coisa inoperante, que não impulsa atividade nenhuma [N.T.].

<sup>16</sup> Fort-Whiteman frequentou o treinamento da escola de quadros da Internacional Comunista em Moscou, em 1924. Em 1928 é chamado a Moscou, e em 1935 é condenado ao exílio interno por trotskista. Morreu no campo de trabalho de Sevostlag, na Sibéria,

se adota um novo discurso que visa competir com o nacionalismo negro.

## **Traçar a linha vermelha: 1928, o *Black Belt* e os primeiros sucessos do CPUSA**

O sexto congresso do Comintern (Internacional Comunista), em 1928, foi marcado por uma guinada à esquerda da Internacional Comunista, que foi chamado de “Terceiro Período”<sup>17</sup>. James W. Ford (1893-1957) denunciou o fato de que nas 19 resoluções decididas pelo Comintern relativas aos afro-americanos, nenhuma ainda havia sido implementada pelo Partido americano.

Harry Haywood (1898-1985), que se juntou à juventude comunista (*Young Communist League*) em 1923, foi o primeiro a lutar, contra a vontade de duas facções do partido, pela adoção da tese do direito à autodeterminação para qualquer nação que a desejasse. Ele havia se filiado à ABB em 1922, depois à juventude comunista no final de 1923 e finalmente mudou-se para a URSS entre 1926 e 1930 para participar do trabalho do Comintern (Haywood, 1978, p. 122, p. 132). O essencial no debate era determinar se a questão negra era uma questão racial. Nesse caso a luta deveria ser travada em nome da igualdade contra preconceitos brancos. Diferentemente, no caso de se tratar de uma questão nacional, as raízes econômicas mais profundas requereriam uma revolução que fornecesse uma solução para a questão agrária no Sul dos Estados Unidos (ibidem, p. 254, p. 269). Haywood (1978, p. 157-58) tomou como modelo a constituição da URSS, que incorporou o direito das nações de se separarem. Além disso, ele foi marcado pelo estudo do caso irlandês quando era estudante da Universidade dos

---

em 1939, aos 49 anos.

<sup>17</sup> Comintern, Internacional Comunista, ou Terceira Internacional, estas denominações designam todas a mesma organização, fundada em 1919, em Moscou, a partir do apelo à ruptura com a Segunda Internacional Socialista. A Comintern foi dissolvida em 1943, quando Stalin procurou acalmar as relações com os seus aliados durante a guerra.



Trabalhadores Orientais, a KUTVA<sup>18</sup>. Um subcomitê reunido em torno de N. Nasanov – um russo enviado aos Estados Unidos em 1926 – e de Harry Haywood que definiu os negros americanos como uma nação oprimida com o direito de reivindicar o direito à autodeterminação e, portanto, à constituição de uma república negra no Velho Sul (Haywood, 1978, p. 228; Berland 2001, p. 226-28; Debouzy 1997, p. 68). Esta é a famosa tese conhecida como “cinturão negro”, o *Black Belt*, a vasta região onde os negros são maioria e poderiam constituir uma nova nação e um Estado independente<sup>19</sup>.

Para Haywood, essa política era a única que permitiria responder aos argumentos dos *garveyistas*. Vários ativistas negros em Moscou se opuseram a esta resolução, como Otto Hall e James Ford (Klehr e Tompson, 1989, p. 359-360). No entanto, Haywood estava ciente de ter o apoio decisivo de Stálin: no combate entre as facções do partido americano, aquela que se opôs a ele, liderada por Jay Lovestone, já havia sido condenada por Moscou (Haywood, 1978, p. 221; Klehr e Tompson, 1989, p. 360)<sup>20</sup>. Ele polemizou principalmente por meio de artigos interpostos com Otto Huiswood, um outro militante da pequena comunidade de afro-americanos então em Moscou (Carew 2008, p. 43).

Haywood é, portanto, o principal responsável por essa nova linha. Cyril Briggs havia publicado um artigo, em 1917, no qual defendia a criação de um 49º estado no noroeste dos Estados Unidos, mas ele não evocou essa reivindicação depois (Perkins, 1990; Briggs, 1997, p. 497-508)<sup>21</sup>.

---

<sup>18</sup> Коммунистический университет трудящихся Востока ou Universitet Trydyashchiysya Vostoka Imeni Stalina, abreviado por KUTVA. Esta universidade, criada em abril de 1921, para os comunistas dos países colonizados, formou milhares de quadros políticos até ao final da década de 1930.

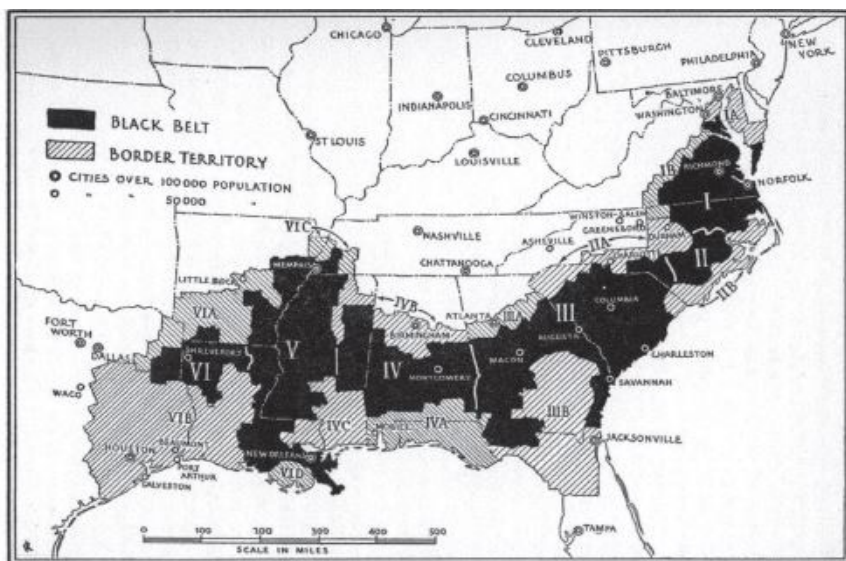
<sup>19</sup> O texto oficial do Comintern, “Resolução sobre a Questão Negra”, define a organização das “massas negras” como uma das suas tarefas essenciais.

<sup>20</sup> O único trabalho de Stalin é um folheto sobre a questão nacional.

<sup>21</sup> Note-se que a reivindicação de um território autônomo é antiga e ligada a diferentes expressões do nacionalismo negro, quando não aos planos de guerrilheiros da escravidão no século XIX para enviar negros livres para África (Moses, 1988; Bracey,

O mapa abaixo apresenta uma tentativa de delinear um espaço coerente que poderia ser o de um novo Estado. Seu autor é James S. Allen (1906-1986), pseudônimo que Sol Auerbach tomou quando se instalou no Sul para militar. O mapa identifica municípios onde a população negra é maioria. Ou seja, precisamente 50,3% para as regiões do coração do *Black Belt*, em preto no mapa, e 28,8% para os espaços limítrofes, sombreados (Campbell, 1994, p. 452)<sup>22</sup>. James S. Allen, mapeou mais de 600 municípios em 11 estados onde a população negra excede grandemente a população branca.

**Figura 2:** *Black Belt* e territórios limítrofes. (Allen, 1934, p. 586)



**BLACK BELT AND BORDER TERRITORY**

(Fonte: ALLEN, James S. "A *Black Belt*: Área de Maioria Negra". O Comunista, junho 1934, p. 586. <https://www.marxists.org/history/usa/pubs/communist/v13n06-jun-1934-communist.pdf>).

Meier e Rudwick, 1970).

<sup>22</sup> A expressão *Black Belt* designava, por volta de 1820, um conjunto geológico de terras extremamente férteis da Geórgia às Carolinas, que rapidamente se especializaram no cultivo do algodão. Mas a expressão foi utilizada desde o século XIX para designar os territórios que contam com uma grande maioria de população negra, como precisa Booker T. Washington em 1901 (Tullos, 2004).

A adoção dessa tese tem sido frequentemente atribuída à guinada “à esquerda” do Comintern, em 1928, no chamado período “classe contra classe”, e é apresentada como uma aberração política, expressão de um caminho ultra-esquerdista que correspondia apenas à vontade de Moscou.

É verdade que a linha não foi concretamente defendida, e com a aceleração da migração para fora do Sul, ela se tornou ainda mais inaplicável. Em 1930, Haywood e Nasanov redigiram uma carta ao partido para demandar a sua implementação, mas a direção americana se opôs. Apesar de aceitar o princípio do direito à separação, ela denuncia o uso da palavra de ordem do *Black Belt* como um erro esquerdista (Browder, 1930, p. 689). Esses debates vão além do escopo do CPUSA. Em 1933, Trotsky, então exilado em Prinkipo, na Turquia, contradisse um de seus partidários americanos, Arne Swabeck, que refutou a palavra de ordem do direito à autodeterminação: “a atitude política que rejeita [esta] reivindicação é dogmatismo” (Trotsky, 1933, p. 159). E quando, em 1938, o trinitário C. L. R. James falou com ele novamente sobre esse assunto, ambos concordaram que a atitude do CPUSA estava errada por causa de sua natureza imperativa: “era como se os brancos dissessem: ‘Vocês devem constituir seu próprio gueto’ (1939, p. 171). Na verdade, essa reivindicação tinha acima de tudo um valor simbólico. Nos anos de 1930, o CPUSA encaminhou outra política ao serviço da igualdade racial, longe de qualquer reivindicação separatista.

Assim, a *International Labor Defense*, a ILD, uma organização de defesa jurídica dos direitos civis ligada ao partido comunista, assume a responsabilidade da defesa das vítimas do racismo judiciário no Sul<sup>23</sup>. Em 1932, ocorre o processo de Angelo Herndon: o militante negro de Atlanta que tentou organizar os desempregados é condenado a 20 anos

---

<sup>23</sup> A ILD era uma organização de defesa jurídica dos direitos civis ligada ao Partido Comunista, que se mobilizou durante o julgamento de Zacco e Vanzetti nos anos 20 (Moore, Turner e Turner, 1988, p. 58).

de prisão<sup>24</sup>. Mas, sobretudo a partir de 1934, assume uma dimensão internacional o caso dos nove de Scottsboro, injustamente condenados, por estupro, à morte, em 1932. Scottsboro coincide com o momento de uma guinada mundial do movimento comunista, que abandona a chamada política de “classe contra classe”, de autoafirmação sectária, para se abrir a todas as formas de alianças com o conjunto das forças consideradas progressistas, a dita política de Frente Popular. Isto é acompanhado pelo lançamento do *National Negro Congress* (NNC), uma organização “de frente ampla”, que associa aos comunistas o sindicalista William Randolph e numerosas outras personalidades<sup>25</sup>.

O CPUSA, após uma lenta e hesitante progressão no número de seus membros ao longo dos anos 1920, experimenta um crescimento acelerado, ligado à crise econômica, a partir de 1932, para atingir 80 mil em 1944, justamente o máximo que o partido alcançou em toda sua história. Desses membros, 14% são africanos-americanos (Debouzy, 1997, p. 55-57, p. 68)<sup>26</sup>. O discurso do partido adapta-se às condições locais e nas campanhas do Alabama “a Bíblia conta tanto como manual da luta de classes como o Manifesto do Partido Comunista” (Kelley, 1990, p. 107). Através dessa política os comunistas conseguiram pela primeira vez ganhar uma audiência entre os negros, como escrevem

---

<sup>24</sup> Defendido pelo ILD, ele foi liberado, em 1935, por decisão federal.

<sup>25</sup> Sobre o NNC ver Gellman. Seu papel é essencial, particularmente no apoio do CIO à sindicalização dos afro-americanos. A partir de 1934, o Partido Comunista obteve verdadeiro sucesso entre os negros, seja no Sul, no Alabama, com um sindicato de trabalhadores, o Alabama Sharecroppers Union, ou no Harlem, com a eleição de Benjamin J. Davis (1903-1964), o advogado que defendeu Angelo Herndon, em 1933, no conselho da cidade de Nova York em 1943, mas também no meio dos artistas e músicos de Jazz do Harlem (Horne, 1986; Kelley, 1990). O aspecto mais visível destes sucessos é a simpatia que a CPUSA ganhou nos círculos intelectuais através de suas organizações culturais, os clubes John Reed (1929-1935) e seu sucessor o Congresso Americano de Artistas (1936-1941).

<sup>26</sup> Como aponta Marianne Debouzy, estes números devem ser tomados com cautela. Entretanto, se as fontes divergem em alguns milhares de membros, todos os dados oscilam em torno dos mesmos valores. De qualquer forma, em 1928 o partido só tinha entre 150 e 200 negros em suas fileiras.

os sociólogos St. Clair Drake e Horace R. Cayton: “Os vermelhos ganharam a admiração das massas negras graças à omissão alheia. Eram os únicos brancos que pareciam realmente se importar com o que lhes acontecia” (1945, p. 736). No entanto, essa simpatia permaneceu muitas vezes passiva, uma vez que para os africanos-americanos aproximar-se do CPUSA significa enfrentar uma dupla desvantagem: “o estigma de ser preto e vermelho” (Leab, 2013, p. xi)<sup>27</sup>

A afirmação do direito à autodeterminação, ainda em 1935, é a linha oficial do partido, e simbolicamente testemunha o apoio incondicional à causa dos negros. Não obstante, uma série de reviravoltas políticas levam a deixar de lado a tese do *Black Belt*, e depois a abandoná-la, mas também a perder progressivamente a confiança de muitos negros que simpatizavam com o partido.

### **Da linha da “Frente popular” ao abandono do *Black Belt***

A adesão a Roosevelt leva os comunistas a se apagarem deliberadamente no seio do NNC e a deixarem os lugares-chave a personalidades menos controversas. O apoio do CPUSA aos democratas implica a sua retirada política e a ocultação da sua filiação partidária. A política de frente popular torna o CPUSA mais acessível, mas há um preço a pagar. Em Birmingham, em 1937, a seção da ILD, que tinha centenas de membros, quase todos negros, foi dissolvida. No lugar dela, o CPUSA pretendia que seus membros aderissem à *National Association For the Advancement of Colored People*, a NAACP, uma associação moderada dirigida pelas elites negras liberais. O militante comunista Hosea Hudson (1898-1988) relatou como os líderes locais tinham de lutar para serem seguidos: “[...] era a classe superior que estava na NAACP. Um negro comum não se sentia em seu lugar” (Kelley, 1990, p. 134) A entrada da URSS na guerra contra a

---

<sup>27</sup> Isto no contexto em que os partidários da supremacia branca identificam qualquer contestação da segregação a uma reivindicação comunista (Shapiro; Borstelmann, 2009, p. 65).

Alemanha resultou em uma nova linha pró-aliados, e as reivindicações dos negros americanos são abandonadas, em nome da luta contra o fascismo. A tal ponto que mesmo a campanha da NAACP pela “dupla vitória”, contra o racismo no exterior e em solo nacional, é considerada demasiada radical aos olhos do partido (Rolland-Diamond, 2013, p. 94-107). Do mesmo modo, o Movimento para uma Marcha sobre Washington, constituído em 1941 por iniciativa de William Randolph, e que tem grande ressonância, é denunciado pelo CPUSA, em nome das prioridades da guerra (Foner, 1977, p. 278)<sup>28</sup>. De uma viragem política para a outra, desde o *Black Belt* à política das frentes populares, seguida do apoio ao esforço de guerra, o Partido Comunista parece demonstrar que estava, sobretudo, sob a tutela de Moscou.

Por outro lado, as discriminações raciais já não são reconhecidas como uma questão política específica, e a primazia da luta de classe é reafirmada. Desde 1934 Mike Gold escrevia “Não há NENHUMA RAÇA na luta de classes” (1934, p. 235). Depois de 1945, aqueles que recusam essas viradas políticas são postos de lado e depois excluídos, como Harry Haywood, o “bolchevique negro” (Haywood, 1978, p. 740). O debate que se inicia em 1945 sobre a tese do *Black Belt* desenrola-se numa atmosfera política carregada pela obsessão da ameaça comunista, com o pano de fundo do macartismo que já começava a decolar<sup>29</sup>.

Apenas recentemente pesquisadores revelaram a repressão que se abateu especificamente sobre os afro-americanos, e sobre aqueles com quem se relacionavam, por meio da convocação da *House Committee on Un-American Activities* dos que “tinham amigos negros, que tinham casado com um negro ou uma negra, ou que ouviam música negra

---

<sup>28</sup> Em 1944, o comunista Doxey A. Wilkerson (1905-1993) escreveu no *The People's Voice*, diário do CPUSA no Harlem: “Traçar de forma idealista planos pós-guerra para os negros tende a privá-los da energia necessária para a tarefa verdadeiramente urgente de hoje: ganhar a guerra” (Guérin, 2010, p. 158).

<sup>29</sup> Em sentido estrito, este só duraria o tempo das atividades do senador Joseph McCarthy (1908-1957), de 1950 a 1954, mas de facto, a repressão política e a histeria anti-comunista duram mais, pelo menos até ao início dos anos 60. O nome do Senador McCarthy permanece ligado ao terror branco, *Red Scare*, depois de 1947.

– como se uma única gota de sangue negro pudesse produzir um comunista” (Washington, 2015, p. 183; Borstelmann, 2009; Dudziak, 2002)<sup>30</sup>.

A América adentrou à sociedade do consumo sem que isso significasse a extinção das desigualdades mais gritantes em matéria de acesso à educação, à saúde, e sobretudo das desigualdades raciais. No plano econômico, o sistema Jim Crow em um mercado de trabalho controlado vai se tornando cada vez mais ultrapassado: as novas indústrias do Sul já não exigem uma mão de obra forçada e a colheita do algodão conhece as primeiras experiências de mecanização do trabalho. Segundo os sociólogos Piven e Cloward (1979), “no sentido mais amplo, a modernização política no Sul tem a sua origem na modernização econômica” (1979, p. 182)<sup>31</sup>. Entre 1940 e 1970, cinco milhões de negros instalam-se no Norte e no Oeste, onde participam no desenvolvimento dos guetos (Berlim). Parece, portanto, que a palavra de ordem do *Black Belt* terminou sendo ultrapassada pela realidade.

O dirigente do CPUSA durante a guerra, Earl Browder (1891-1973), para além da sua decisão de fazer desaparecer o partido em benefício de uma “associação política” em 1944, defendeu, também num artigo de 1943, uma política a favor do integracionismo, que rompe de fato com o slogan do direito à autodeterminação. Tratava-se de responder a um colóquio organizado pela revista *Negro Digest* e significativamente intitulado “Os comunistas abandonaram a luta pelos direitos dos negros?”. Com certo talento para a casuística, neste artigo, *On The Negroes And The Right Of Self-Determination*, Browder escreve que “a decisão do povo negro já está tomada. Os negros veem a oportunidade não como uma aspiração a um futuro indefinido, mas como uma tarefa política imediata no sistema atual, de se tornarem,

---

<sup>30</sup> Até os anos 80, a historiografia do macarthismo estava preocupada com os 10 de Hollywood, o feminismo (das mulheres brancas), as crianças brancas da esquerda marxista e com a lista negra (que é branca) (Caute, 1978; Kaplan e Shapiro, 1998).

<sup>31</sup> Vale mencionar aqui a primeira máquina colhedora de algodão, criada pelos irmãos Rust, em 1935, no Tennessee.

tanto quanto possível, cidadãos iguais da América [...] Pela sua atitude os negros já exerceram o seu direito histórico à autodeterminação” (Ford, 1945, p. 19-24)<sup>32</sup>. O partido continua a defender o direito à autodeterminação, mas esse direito já foi exercido uma vez que os negros escolheram o combate comum ao lado dos brancos.

A militante Claudia Jones responde em um artigo da revista teórica do partido, a *Political Affairs*. Ela reafirma que o direito à autodeterminação é “um princípio científico que decorre de condições objetivas” (Campbell, 1994, p. 459). Harry Haywood inicia a redação de um livro teórico, *Negro Liberation*, para dar um fundamento científico à causa da autodeterminação negra. Segundo ele, é no *Black Belt*, onde ainda vivem cinco dos 15 milhões de negros, que está o coração da questão negra (Haywood 1978, p. 11). Ele queria demonstrar que a persistência de um sistema semifeudal no Sul, que combinava a segregação com um sistema meeiro, bloqueou qualquer evolução, porque o sistema de economia das plantations foi mantido com o apoio dos capitais do Norte (1978, p. 21-49). Contra as falsas esperanças dos liberais, ele defendeu a perspectiva de uma revolução agrária contra o sistema das plantations, ou seja, “terra para quem nela trabalha” (Ibidem, p. 117)<sup>33</sup>. Finalmente, ele defendeu uma nação negra, que acreditava estar pronta para a independência nacional, na qual a burguesia negra, que ele se recusava a descrever como reacionária, participaria (Ibidem, p. 144). Essa forma de “etapismo”, primeiro a questão nacional, depois a luta pelo socialismo, parece ter sido inspirada pelas experiências chinesas, já que Mao estava prestes a tomar o poder na China.

---

32 Este artigo foi escrito por ocasião da sessão final das duas semanas de escola do partido sobre “Negro People and the War”, organizada pela Workers School, Nova Iorque, em 19 de Novembro de 1943. É reproduzido dois anos depois num panfleto que reúne também textos de James W. Ford, Benjamin Davis Jr. e William L. Patterson. (Ford e Allen, 1935, p. 19-24)

33 O termo liberal é usado no sentido americano. Ele designa um liberalismo político que assume seu sentido moderno sob o New Deal com F. D. Roosevelt e combina a defesa das liberdades individuais com uma vontade de progresso social compartilhada.



Entre 1945 e 1946 esse debate ocupou as páginas da revista teórica do CPUSA, *Political Affairs*, e finalmente, em dezembro de 1946, Jones e Haywood venceram: o partido reafirmou seu apoio ao direito à autodeterminação (Haywood 1978, p. 554). Isto foi apenas uma breve trégua, pois a CPUSA continuou a se mover na direção oposta em sua 14ª convenção. Benjamin Davis Jr., o representante eleito do CPUSA no Harlem, pediu apoio total para as iniciativas da NAACP, e a ausência de qualquer crítica foi confirmada no panfleto de James Jackson, assinado sob o pseudônimo de Charles T. Mann: “O Pensamento de Stalin Ilustra os Problemas da Liberdade Negra” (1953). Haywood enxergou essa política como um abandono dos afro-americanos. Pior, enquanto o Macartismo tornava o partido pouco atraente, este ainda buscava a boa vontade dos liberais, que só estavam interessados em se juntar à caça às bruxas.

Haywood e diversos opositores se reagrupam em vista da convenção de 1957 do partido, na qual três frações se enfrentam. À direita, junto com o jornalista John Gates (1913-1992), havia aqueles que queriam se distanciar da URSS. Na opinião de Haywood, eles estavam na verdade tentando liquidar o partido. No centro encontraram-se William Z. Foster, secretário-geral do partido de 1945 a 1957, e outro líder, Eugene Dennis (1905-1961), que representou a maioria, apoiado por James Jackson, que inscreveu vários delegados como delegados registrados do Sul para apoiar a linha de unidade contra todas as frações – fraudulentamente, de acordo com Haywood.

Haywood e seus amigos que simpatizavam com a linha “antirrevisionista” chinesa estavam em uma minoria muito pequena e se organizaram em um *Provisional Organizing Committee for a Communist Party* (POC), que em 1958 tinha 83 delegados, a maioria negros e porto-riquenhos. Em 1959 o slogan do direito à autodeterminação foi formalmente abandonado em nome de “mudanças no *Black Belt*”, o título do apêndice escrito por James S. Allen num panfleto teórico do partido em 1959 – Allen, o mesmo que propôs os contornos deste território num panfleto de 1936. Haywood descobre por meio de seus

amigos que ele acabou sendo expulso do CPUSA, o que entende como um expurgo “para expulsar os negros mais militantes do Partido” (Haywood, 1978, p. 618). A tese do *Black Belt*, portanto, não é mais defendida, exceto por pequenas correntes maoístas.

### **Conclusão: a luta de classes, tão americana quanto a torta de cereja<sup>34</sup>**

Do nascimento ao seu fim, a tese do *Black Belt* ilustra a dificuldade de articular a questão racial e o ponto de vista de classe. Harry Haywood e outros, que puderam desempenhar um papel num momento determinado, foram posteriormente marginalizados. Se o *Black Belt* não se tornou uma palavra de ordem, a adoção de uma tese tão radical simbolizava a determinação de apoiar a causa dos negros, até o ponto da separação. As duas orientações irreconciliáveis, integracionismo contra nacionalismo, confrontaram-se precisamente em torno dessa questão. As decepções e as exclusões que se seguiram são bem conhecidas, mas as ligações entre essa geração pioneira e a geração da luta pelos direitos civis, a partir dos anos 50, ainda devem ser analisadas.

---

<sup>34</sup> Este título retoma a célebre declaração de H. Rap Brown (1943) líder do Student Nonviolent Coordinating Committee após 1967, que declarou numa conferência de imprensa em 27 de Julho de 1967 que a violência é tão americana como a torta de cereja (Brown, 1969, p. 225).

## Referências bibliográficas

- ALLEN, James S. *The Negro question in the United States*. Londres: International, 1936.
- ALLEN, James S. «The Black belt: Area of Negro Majority». *The Communist*, juin 1934, 58199.
- American Negro Labor Congress. Schomburg Center for Research in Black Culture, Jean Blackwell Hutson Research and Reference Division, The New York Public Library. New York Public Library Digital Collections. Consultée le 24 août 2018. <http://digitalcollections.nypl.org/items/510d47de-1a41-a3d9-e040-e00a18064a99>
- ASANTE, Molefi Kete et Ama Mazama. *Encyclopedia of Black Studies*. Thousand Oaks. Calif: SAGE, 2005.
- BERLAND, Oscar. «Nasanov and the Comintern's American Negro Program». *Science & Society* 65, no 2 (2001), 22628.
- BERLIN, Ira. *The Making of African America: The Four Great Migrations*. New York: Viking, 2010.
- BORSTELMANN, Thomas. *The Cold War and the Color Line: American Race Relations in the Global Arena*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2009.
- BRACEY, John H, August Meier et Elliott Rudwick. *Black Nationalism in America*. Indianapolis: Bobbs-Merill, 1970.
- BRIGGS, Cyril. «The Decline of the Garvey Movement». *The Communist*, juin 1931, 497508.
- BRIGGS, Cyril. «Security of Life for Poles and Serbs-Roger Why Not for Colored Americans?» *Amsterdam News*. 19 mai 1917, 5.

- BROWDER, Earl. «The Bolshevization of the Communist Party,” *Communist*, Aug. 1930, 689; *Daily Worker*, April 21, 1930, 6.» *The Communist*, Aout 1930, 68493.
- BROWN, H. Rap. *Die Nigger die!* New York: Dial Pr., 1969.
- CAMPBELL, Susan. «“Black Bolsheviks” and Recognition of African-America’s Right to Self-Determination by the Communist Party USA». *Science and Society* 58, no 4 (1994), 440–470.
- CAREW, Joy Gleason. *Blacks, Reds and Russians: Sojourners in Search of the Soviet Promise*. New Brunswick (N.J.): Rutgers University Press, 2008.
- CARTER, Dan T. *Scottsboro: A Tragedy of the American South*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1969.
- CAUTE, David. *The Great Fear: Anti-Communist Purge Under Truman & Eisenhower*. New York: Simon & Schuster, 1978.
- CLERC, Denis et Jean-Paul Piriou. «Lexique de sciences économiques et sociales». *Repères* 9e éd. (1 janvier 2011), 5166.
- COOPER, Wayne F. *Claude McKay: Rebel Sojourner in the Harlem Renaissance: A Biography*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1996.
- CRENSHAW, Kimberle. «Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics». *University of Chicago Legal Forum* 1989 (1989), 139.
- DEBOUZY, Marianne. «L’Echec du Socialisme aux États Unis». Dans *Histoire générale du socialisme*. 4. DROZ Jacques (Dir.), 4988. Paris: PUF, 1997.
- DIGGINS, John P. *The Rise and Fall of the American Left*. New York: Norton, 1992.

- DIGGINS, John P. *The American Left in the twentieth century*. New York: Harcourt, Brace, Jovanovich, 1973.
- DRAKE, St Clair et Horace Roscoe Cayton. *Black Metropolis: A Study of Negro Life in a Northern City*. New York: Hartcourt, Brace Jovanovich, 1945.
- DRAPER, Theodore. *The Roots of American Communism*. New York: Viking Press, 1957.
- DUDZIAK, Mary L. *Cold War Civil Rights: Race and the Image of American Democracy*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2002.
- FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION. «Claude McKay FBI File», 1940 1921. <http://archive.org/details/ClaudeMcKayFBIFile>.
- FONER, Philip Sheldon. *Organized Labor and the Black Worker: 1619-1973*. New York: International publishers, 1978a.
- FONER, Philip Sheldon. *American socialism and black Americans, from the age of Jackson to world war II*. Westport, Conn: Greenwood Press, 1977b.
- FORD, James W. *Communists in the Struggle for Negro Rights*. New York: New Century Publishers, 1945.
- FORD, James W et James S Allen. *The Negroes in a Soviet America*. New York: Workers Library Publishers, 1935.
- GELLMAN, Erik S. *Death Blow to Jim Crow: The National Negro Congress and the Rise of Militant Civil Rights*. Chapel Hill: Univ Of North Carolina Pr, 2014.
- GLAZER, Nathan. *Social Basis of American Communism*. New York: Harcourt, Brace & World, 1961.

- GOLD, Michael. «a Word as to Uncle Tom». Dans *Negro Anthology*. CUNARD Nancy (Dir.), 235. Londres: Lawrence & Wishart, 1934.
- GORNICK, Vivian. *The Romance of American Communism*. New York: Basic Books, 1978.
- GUÉRIN, Daniel. *De l’Oncle Tom aux Panthères noires*. Pantin: Les Bons Caractères, 2010.
- HALL, Stuart. «Race, articulation and societies structured in dominance», 30545. Paris: UNESCO, 1980.
- HAUPT, Georges, Michael Löwy et Claudie Weill. *Les marxistes et la question nationale, 1848-1914: études et textes*. Montréal: Editions l’Etincelle, 1974.
- HAYNES, John Earl. «The Cold War Debate Continues: A Traditionalist View of Historical Writing on Domestic Communism and Anti-Communism». *Journal of Cold War Studies* 2, no 1 (2000), 76115.
- HAYWOOD, Harry. *Black Bolshevik: Autobiography of an Afro-American Communist*. Chicago: Liberator Press, 1978.
- HEIDEMAN, Paul M. *Class Struggle and the Color Line: American Socialism and the Race Question 1900-1930*, 2018.
- HORNE, Gerald. *Powell v. Alabama: The Scottsboro Boys and American Justice*. New York: Franklin Watts, 1997.
- HORNE, Gerald. *Black Liberation/Red Scare: Ben Davis and the Communist Party*. Newark, DE: University of Delaware Press, 1994.
- HORNE, Gerald. *Communist Front ?: The Civil Rights Congress, 1946-1956*. Rutherford (N.J.): Fairleigh Dickinson University Press, 1988.

- HORNE, Gerald. *Black and red: W.E.B. Du Bois and the Afro-American response to the Cold War: 1944-1963*. New York: State University of New York Press, 1986.
- HUTCHINSON, Earl Ofari. *Blacks and Reds: Race and Class in Conflict, 1919-1990*. East Lansing: Michigan State University Press, 1995.
- INTERNATIONALE COMMUNISTE, dir. *Thèses, manifestes et résolutions adoptés par les Ier, Iie, IIIe et IVe congrès de l'Internationale communiste (1919-1923)*. Paris: Maspéro, 1969.
- KAPLAN, Judy, and Linn Shapiro. *Red Diapers: Growing Up in the Communist Left*. Urbana: University of Illinois Press, 1998.
- KELLEY, Robin D. G. *Hammer and Hoe: Alabama Communists during the Great Depression*. Chapel Hill, N.C.: University of North Carolina Press, 1990.
- KLEHR, Harvey. *The Heyday of American Communism*. New York: Basic Books, 1984.
- KLEHR, Harvey et William Tompson. «Self-Determination in the Black Belt: Origins of a Communist Policy». *Labor History* 30, no 3 (1989), 354-66.
- LEAB, Daniel J. «Preface». *Red Activists and Black Freedom: James and Esther Jackson and the Long Civil Rights Revolution*. Dir. David L. Lewis, Michael H. Nash et Daniel J. Leab, ix-xiii. Londres: Routledge, 2013.
- Lênin, Vladimir I.. *Du droit des nations à disposer d'elles-mêmes*. 1914. Moscou: Ed. du Progrès, 1979.
- LERNER, Gerda. *De l'esclavage à la segregation: les femmes noires dans l'Amérique des blancs*. Paris: Denoël/Gonthier, 1975.
- LORDE, Audre. *ZAMI: A New Spelling of My Name*. Londres: Penguin Books, 2018.

- LUXEMBURG, Rosa, CHUZEVILLE Julien, LAIGLE Marie et SEVAULT Eric. *La brochure de Junius, la guerre et l'Internationale*. 1915, sous le titre *La Crise de la social-démocratie* ensuite nommée *Brochure de Junius*. Marseille: Agone, 2014.
- MARX, Karl et Friedrich Engels. *The Civil War in the United States*. New York: International Publishers: 2016.
- MCDUFFIE, Erik S. *Long Journeys: Four Black Women and the Communist Party, USA, 1930-1956*, Thèse. New York University. 2003. <http://search.proquest.com/pqdthss/docview/305313672/abstract/7E62B5893F445B0PQ/1>. Consultée en juin 2018.
- MCGEE, Owen. *The IRB the Irish Republican Brotherhood, from the Land League to Sinn Féin*. Dublin: Four Courts Press, 2007.
- MOORE, Richard B, W. B Turner et Joyce M Turner. *Richard B. Moore, Caribbean militant in Harlem: collected writings 1920-1972*. Bloomington u.a.: Indiana Univ. Pr., 1988.
- MOSES, Wilson J. *The Golden Age of Black Nationalism: 1850-1925*. New York: Oxford University Press, 1988.
- NAISON, Mark D. *Communists in Harlem during the Depression*. New York: ACLS History E-Book Project, 2005.
- NAISON, Mark D. *Marxism and Black Radicalism in America: The Communist Party Experience*. Somerville, Mass.: New England Free Press, 1971b.
- OBERSCHALL, Anthony. *Social Conflict and Social Movements*. Englewood Cliffs., N.J: Prentice-Hall, 1973.
- OMI, Michael et Howard Winant. *Racial Formation in the United States: From the 1960's to the 1990's*. New York: Routledge Chapman & Hall, 1986.



- PERKINS, William Eric. «Black Nation». Encyclopedia of the American Left. Dir. Mari Jo Buhle, Paul Buhle et Dan Georgakas. Urbana: University of Illinois Press, 1990.
- PIVEN, Frances Fox et Richard A Cloward. Poor people's movements. why they succeed, how they fail. New York: Random House, 1979.
- RAPER, Arthur Franklin. Preface to Peasantry: A Tale of Two Black Belt Counties. Columbia, S.C.: University of South Carolina Press, 1936.
- RECORD, Wilson. Race and Radicalism: The NAACP and the Communist Party in Conflict. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1966.
- RECORD, Wilson. Some Historical, Structural and Functional Differences between the NAACP and the Communist Party. Los Angeles: Alpha Kappa Deltan, 1959.
- RECORD, Wilson. The Negro and the Communist Party. Chapel Hill, N.C.: The University of North Carolina Press, 1951c.
- REED, John. «The Negro Question in America: Speech at the 2nd World Congress of the Communist International». Second Congress of the Communist International. Minutes of the Proceedings, 241. Londres: New Park, 1977.
- ROBINSON, Cedric J. Black Marxism the Making of the Black Radical Tradition. Londres: Zed Press, 1983.
- ROLINSON, Mary G. Grassroots Garveyism: The Universal Negro Improvement Association in the Rural South, 1920-1927. Grassroots Garveyism. Chapel Hil, N.C.: University of North Carolina Press, 2007. doi:10.5149/9780807872789\_rolinson.

- ROLLAND-DIAMOND, Caroline. «“A Double Victory?” Revisiting the Black Struggle for Equality during World War Two». *Revue Française d'études Américaines*, no 137 (2013), 94107. doi:10.3917/rfea.137.0094.
- SHAPIRO, Herbert. *White violence and black response from reconstruction to Montgomery*, Amherst: Univ. of Massachusetts Pr, 1988.
- SELVERSTONE, Marc J. «A Literature So Immense: The Historiography of Anticommunism». *OAH Magazine of History* 24, no 4 (1 octobre 2010), 711. doi:10.1093/maghis/24.4.7.
- SHAWKI, Ahmed. *Black and red: Les mouvements noirs et la gauche américaine 1850-2010*. Paris: Syllepse, 2012.
- SHAWKI, Ahmed. *Black Liberation and Socialism*. Chicago: Haymarket Books, 2006.
- SOLOMON, Mark. *The Cry Was Unity: Communists and African Americans, 1917-1936*. Jackson: Univ. Press of Mississippi, 1998.
- SOMBART, Werner, Pierre Weiss et Gabrielle Krezdorn. *Pourquoi le socialisme n'existe-t-il pas aux États-Unis?* Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- STALINE, Joseph. *Le marxisme et la question nationale et coloniale*. 1913. Paris: Ed. sociales, 1953.
- TOMEK, Beverly. «The Communist International and the Dilemma of the American “Negro Problem”: Limitations of the Black Belt Self-Determination Thesis». *WorkingUSA* 15, no 4 (2012), 54976. doi:10.1111/wusa.12004.
- TROTSKY, Léon. «La question noire aux États-Unis», *Question juive, question noire*. 1933. Paris: Syllepse, 2011, p. 151-161.

- TROTSKY, Léon. «Autodétermination pour les nègres américains» 1939, Question juive, question noire. Paris: Syllepse, 2011, p. 162-172.
- TULLOS, Allen. «The Black Belt» 2004. <https://southernspaces.org/2004/black-belt> doi:10.18737/M70K6P. Consulté juin 2018.
- VAILLANT-COUTURIER, Paul. «Jeunesse». 1937. Paris: Le Chant de Monde, 1966.
- VERNEY, Kevern. The Debate on Black Civil Rights in America. Manchester: Manchester University Press, 2006.
- WALD, Alan M. Writing from the Left: New Essays on Radical Culture and Politics. Londres: Verso, 1994.
- WALLACE, Michele. Black macho and the Myth of the Superwoman. Londres; New York: Verso, 1979.
- WASHINGTON, Mary Helen. Other Blacklist: The African American Literary and Cultural Left of the 1950s. New York: Columbia University Press, 2015.
- ZINN, Howard. A People's History of the United States. New York: Longman, 1980.